CONTRIBUIÇÃO DO PESCADO DO BIOMA DA MATA ATLÂNTICA NO CONSUMO DE VITAMINA D PELA PVHIV

Ana Caroline de Freitas[1]; Lucia Vianna[2]; Glória Silveira[2]

1 - Discente – Escola de Nutrição; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Extensão.
2 - Docente – Departamento de Nutrição Aplicada/LANAIDS (Laboratório de Avaliação Nutricional em Aids); Escola de Nutrição; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo identificar o consumo de pescados pela população que convive com HIV de um Hospital Universitário localizado no Rio de Janeiro e explorar associações entre variáveis independentes. Os dados foram analisados utilizando estatística descritiva no software Stata 7.0, sendo descritos em números absolutos, percentuais, média e desvio padrão. As associações foram avaliadas através da razão de prevalências. Dos 152 indivíduos 55,78% eram do sexo masculino e a média da idade foi de 48 anos. A maior parte da população apresenta renda entre 1 a 3 salários mínimos (56,31%) e ensino médio completo ou incompleto (55,66%). Nesta população, o consumo de peixes frescos foi maior que o consumo de enlatados. Não foram encontradas associações significativas entre as variáveis de renda e escolaridade e consumo de pescados. Embora de baixa frequência de consumo, a sardinha e o atum, fontes de vitamina D, estavam presentes na dieta dessa população. Desta maneira, a contribuição do bioma marinho no consumo de vitamina D nesta população é ratificado.
Palavras-chave: HIV; pescado; bioma; vitamina D.

INTRODUÇÃO: As abordagens para minimizar a insegurança alimentar e nutricional, garantir, a todos, o acesso a alimentação de qualidade e ao mesmo tempo minimizar a expansão da produção de gases estufa e o aquecimento global faz parte de um conjunto de metas estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde a serem alcançadas até 2030 (Vianna LM, 2023). Nesse contexto, a pesca como produto oriundo da imensa biodiversidade brasileira (Alho, 2012) pode agregar valor à economia de comunidades pesqueiras e representar também uma estratégia para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional. Além do reconhecido valor nutricional do pescado, seus constituintes: ômega-3, vitamina D dentre outros, conferem propriedades anti-inflamatórias e regulação do sistema imune (Mendivil, 2021) o que é bastante relevante, em especial, para populações que convivem com o vírus HIV (PVHIV). Não obstante, dados epidemiológicos revelam baixo consumo de pescado pela população brasileira em geral (Oliveira *et al,* 2016).
OBJETIVOS: Identificar o consumo de pescado pela população que convive com HIV do Hospital Universitário Gaffrée Guinle; explorar associações entre variáveis independentes e o consumo de pescado.

METODOLOGIA: Este estudo faz parte de um projeto maior, um estudo transversal, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), sob CAAE nº 63732917.5.0000.5258 utilizando dados deste projeto intitulado: "Avaliação nutricional de pacientes inscritos no Programa de AIDS do Hospital Universitário Gaffrée Guinle – HUGG". É um estudo exploratório com amostra por conveniência. Os dados foram analisados utilizando estatística descritiva no software Stata 7.0 , sendo descritos em números absolutos e percentuais, porém algumas características também com média e desvio padrão. As associações foram avaliadas através da razão de prevalências. Foi considerado um nível de significância de 5% (p-valor menor que 0,05). No presente estudo, foram avaliadas variáveis de consumo alimentar, por meio de um questionário de frequência alimentar, e variáveis socioeconômicas.

RESULTADOS: Dos 152 indivíduos incluídos no estudo, 55,78% eram do sexo masculino e 44,22% do sexo feminino. Quanto à idade, a média encontrada foi de 48 anos, com idade mínima de 29 e máxima de 71. Cerca de 56% dos 103 pacientes que relataram a renda possuem rendimento mensal de 1 a 3 salários mínimos e somente 7,77% apresentam renda mensal maior que 5 SM. Quanto à escolaridade, 47.17% concluíram o ensino médio e 16,98% possuem ensino superior completo (Tabela 1).

Tabela 1 - Características socioeconômicas da população do estudo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024.

Variáveis	**Grupo**
Sexo	
Feminino n (%)	65 (44.22)
Masculino n (%)	82 (55.78)
Idade (anos)	48.58±9.67 (29 – 71)
Escolaridade n (%)	
Ensino fundamental completo	18 (16.98)
Ensino fundamental incompleto	10 (9.43)
Ensino médio completo	50 (47.17)
Ensino médio incompleto	9 (8.49)
Ensino superior completo	18 (16.98)
Ensino superior incompleto	1 (0,94)
Renda mensal n (%)	
Até 1 SM*	25 (24.27)
De 1 a 3 SM	58 (56.31)
De 3 a 5 SM	12 (11.65)
Mais de 5 SM	8 (7.77)

Autor: autores. *salário mínimo.

Na tabela 2 é possível observar o consumo de peixes frescos, peixes em conserva e suas respectivas frequências. O consumo de peixes frescos é maior na frequência de ''1 a 3 vezes por mês'', correspondendo a 29%, enquanto que a ingestão de peixes em conserva é maior na frequência ''nunca ou quase nunca'', com 46%.

Tabela 2 - Consumo de pescados pela população do estudo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024.

Frequência	**Alimentos**	
	Peixes frescos n (%)	**Peixes enlatados n (%)***
Mais de 3 vezes por dia	1 (0.66)	1 (0.69)
2 a 3 vezes por dia	1 (0,66)	1 (0.69)
1 vez por dia	8 (5,26)	2 (1.38)
5 a 6 vezes por semana	8 (5,26)	4 (2.79)

Fonte: autores.*atum e sardinha.

Tabela 2 - Continuação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024.

Frequência	Alimentos	
	Peixes frescos n (%)	**Peixes enlatados n (%)***
2 a 4 vezes por semana	18 (11.84)	11 (7.59)
1 vez por semana	33 (21.71)	20 (13.79)
1 a 3 vezes por mês	44 (28.95)	39 (26.90)
Nunca ou quase nunca	29 (19.08)	67 (46.21)

Fonte: autores. *atum e sardinha.

Esses resultados se assemelham aos dados de aquisição domiciliar per capita da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), que demonstram um baixo consumo de pescados pela população do Rio de Janeiro (IBGE, 2004). Além disso, não foram encontradas associações significativas entre as variáveis independentes (renda e escolaridade) e o consumo de peixes frescos e em conserva. Contrariamente, Simon *et al* (2019) e Leandro *et al* (2018) identificaram que a maior renda e escolaridade influenciam no maior consumo de peixes. A ausência de associação entre renda maior e consumo de pescados no presente estudo pode estar relacionada ao pequeno número de indivíduos com mais de 5 salários mínimos e também pelo fato do estudo não conter uma amostra muito grande. A comunidade PVHIV recebe folder com orientações nutricionais que incluem o consumo de peixes fonte de n-3, vitamina D e também que não estão em risco de extinção.

CONCLUSÕES: Esse estudo revelou que os peixes foram os representantes do grupo alimentar dos pescados e duas espécies fonte de vitamina D foram citadas: sardinha e atum. Confirmando a contribuição do bioma marinho no conteúdo de vitamina D na dieta desse grupo populacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

VIANNA,LM. Desenvolvimento Sustentável_Ecologia Humana e Saúde. **Cadernos Brasileiros de Medicina**,vol XXXVI,n 1, 06-07,2023.

ALHO, C J R.A importância da biodiversidade para a saúde humana-uma perspectiva ecológica. **Estudos Avançados** 26(74):151-157,2012.

MENDIVIL, C. O. Dietary Fish, Fish Nutrients, and Immune Function: A Review. **Frontiers in Nutrition**, v. 7, 20 jan. 2021.

OLIVEIRA, Renan Gracia et al. Perfil do consumo de peixes pela população brasileira. **Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota**), v. 6, n. 2, p. 62-65, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 – POF**. Rio de Janeiro, 2004.

SIMON, Karoline Fontana et al. Será Que a População Consome a Quantidade de Peixe Recomendada Pela Fao?. **Revista Simbiologias**, v. 11, n. 15, 2019.

LEANDRO, Sephane Vasconcelos et al. Perfil de consumo e do consumidor de peixe do município de Sinop, Mato Grosso. **Revista Agroecossistemas**, v. 10, n. 1, p. 73-98, 2018.